

mais vulnerável que eu já fiz. Ele é um canal de emoção, todas as cenas dele são pura emoção. O bichinho sofre muito”, conta. Manny é um homem brasileiro que não tem mais contato com a família. Portanto, Ray é o mundo dele. Ele lida com vício em drogas e com problemas sérios de insegurança, sem contar com tudo em que se vê inserido após o erro na abordagem que fizeram. “Tenho muita dó desse personagem e me entenece muito o coração pensar em Manny”, comenta Wagner.

As entrelinhas da adrenalina

Uma das principais qualidades de *Ladrões de drogas* está no fato de a série levantar temas muito importantes enquanto traz sequências de ação e tensão muito potentes. Como se fossem joias escondidas, a série faz críticas sobre o pós-covid, a crise de vício em drogas nos Estados Unidos, a imigração, o abandono da população marginalizada. Além disso, fala sobre família, lealdade e pertencimento.

“Eu queria que todos os temas da série ficassem com o público como um retrogosto. Algo que vem depois que você assiste”, conta Peter Craig. Ele fez a escolha de encapsular esses temas para que chegassem ao público após a digestão das cenas tensas. “É como uma pirâmide, em que a base é a sobrevivência e depois você vai subindo para encontrar a filosofia da série. Esses personagens estão no fundo da base. Na maior parte da série, eles estão lutando para viver um próximo dia, ou até uma próxima meia hora. Eu queria que todo mundo que assistisse estivesse com eles”, explana. “Porém, tudo em volta de cada uma dessas figuras vai ter um pequeno comentário sobre o mundo e o contexto em que estão inseridos”, completa.

Wagner Moura acredita que a premissa já é, a princípio, muito crítica. “Eu parto do pressuposto de que tudo é político. Uma série com um homem negro e um latino envolvidos em um caso de tráfico de drogas em que eles tentam desesperadamente sair daquela situação e não conseguem, aquilo vai ter alguma leitura social”, analisa o ator, que acredita no poder da arte de movimentar o espectador intelectualmente. “Tudo o que tem um coeficiente artístico é feito para fazer o público pensar em alguma coisa”, acrescenta.

Craig escreveu personagens com humanidade, com erros e questões. “Essa série apresenta um mundo em que os mocinhos e os vilões são muito difíceis de diferenciar. Temos heróis que praticam crimes, mocinhos que não vestem uniformes. Isso diz muito sobre a realidade atual do mundo”, reflete Marin Ireland, responsável pela personagem Mina. “As linhas estão ficando turvas. Está todo mundo buscando um jeito de



Amir Arison em cena como Mark Nader



Kate Mulgrew dá vida a Theresa



Nesta Cooper como Michelle em *Ladrões de drogas*



Marin Ireland vive Mina na série

seguir em frente. Novas discussões de moral precisam ser levantadas”, complementa.

Essa humanidade é um prato cheio para os atores, que podem fazer parte de uma história em que as figuras que interpretam têm mais camadas. “Nós não sabemos o que não sabemos. É muito bom interpretar um personagem que é dessa forma”, destaca Amir Arison, que dá vida a Mark Nader. “Não é sempre sobre estar certo. É sobre achar intenções reais, independentemente da motivação”, acredita.

Essa humanidade também está na discussão sobre o lado emocional da narrativa. Afinal, a história gira em torno de pessoas que vivem com quem podem e como conseguem. “A série mostra por que amar é tão perigoso. Porque tem momentos que sentimos medo de termos dado esse amor e não sermos escolhidos, ou de perdemos essas pessoas”, avalia Nesta Cooper, intérprete de Michelle Taylor. “A ideia é explorar algo muito emocional. Por isso, a série é tão boa e tão pé no chão. Essa é uma história que dá para se identificar, mas, ao mesmo tempo, é de quebrar o coração, e é trágica. É tudo bonito porque faz parte do que é ser humano”, destrincha a atriz.

No final, uma história sobre drogas pode passar uma mensagem carinhosa por meio do texto. “Uma das coisas mais importantes dessa série é a mensagem de que família não é só sangue. Amor é uma escolha, é algo deliberadamente feito por alguém, independentemente das circunstâncias”, diz Kate Mulgrew, que faz Theresa, mãe postiça de Ray. “Uma rosa pode germinar na lama, esse é um símbolo da nossa série”, crava.

Amigos na vida real

A relação mais bonita apresentada em cena é a dos dois protagonistas. Wagner Moura conta que isso só foi possível após um momento especial em que se abriram um para o outro. “Eu tinha chegado de paraquedas na produção, já conheci o Brian nas roupas dos personagens. Então o puxei para uma sala e falei tudo sobre mim. Ele entendeu, e falou tudo sobre ele. Foi um momento muito bonito de vulnerabilidade”, recorda.

O artista brasileiro confirmou que irá dirigir o parceiro de cena no primeiro filme que fará em Hollywood e atribui essa boa relação a algo a mais do que só o momento de abertura. “Tem uma coisa de energia também. Eu sou baiano e gosto dessa coisa de energia. Essas coisas não têm muita explicação. Bateu! Nós ficamos muito amigos”, fala Wagner, que quer trazer Brian para o Brasil. “Ele é um cara muito espiritualizado, com certeza vai encontrar alguma coisa no país”, crê.